



Sidnei Santana Pereira

Ensaio sobre o fim da escola

● FIM DA ESCOLA E A RECRIAÇÃO DO MUNDO



Brasil - 2018

*Em memória de
Nelson Paulo Pereira,
Pai, amigo, mentor,
condutor da luz.*

Agradecimentos

A filosofia é parte do que sou. E bem mais do que muitos têm podido observar, sou bem mais circunspecto, reservado, introvertido do que podem aparentar minha voz potente e meu riso muitas vezes estrondoso. Gosto das horas solitárias em que leituras e reflexões traduzem meu sentido do mundo.

E é dessas horas a sós com minhas leituras do mundo que surgiu o desejo de escrever esse ensaio, fugindo até de minha ligação visceral com a poesia. No mais íntimo, minha natureza é a do poeta - e dele tive que me distanciar para os momentos de acidez que esse livro talvez apresente.

Mas não estive só em todos momentos dessa escrita; muitos, diretamente ou não, contribuíram decisivamente da primeira linha até essa publicação.

Agradeço então primeiramente a minha esposa Rosiane da Costa Gama, pelo incentivo final e decisivo, pela energia que compartilha comigo, desde nossa intimidade até os desafios atuais.

Agradeço a Silvana Angelo Santana Pereira, com quem dividi as primeiras discussões e que me alertou

para muitos dos desvios que essas reflexões poderiam levar.

Agradeço a meus filhos, Renan, Ariadne e Janaína Helena, por trazerem luz a minha vida e me darem alento nos momentos difíceis.

Agradeço finalmente e com maior importância a minha mãe, Helena Santana Pereira, que não apenas me deu vida, mas também me deu um norte, com sua coragem, seu amor, sua presença constante, sua parceria.

Por fim, agradeço a todos, amigos ou não, com quem tenho dividido minhas trajetórias pessoal e profissional - a vida, afinal, é feita de pequenas pecinhas que se unem para um mosaico sempre complexo e surpreendente.

Aos leitores, minha estima.

Introdução

Este curto ensaio, quase um monólogo sobre as impressões adquiridas ao longo de minha jornada como educador, denuncia um estranho sentimento, uma certa sensação de cansaço.

Por minha vivência na educação como professor de língua portuguesa e suas literaturas, tenho medido a razão de minha paixão com o seu objeto; e o que encontro é cada dia mais perturbador: uma universalização da escola sem critérios – o que deturpa e perverte o caráter das escolas públicas; professores que na razão inversa das melhorias nas condições de trabalho (inclusive aí os salários) estão cada vez mais distanciados da entrega sincera ao seu ofício; pais e alunos perdidos, contemplando o vazio, vendo se esvaírem as possibilidades de superação das condições adversas da sociedade, mormente nas escolas públicas.

Ensaio Sobre o Fim da Escola foi um título longamente gestado; e porque me apresenta a dupla possibilidade de interpretação, a saber: uma, a escola que chega a seu término, que entra em sua fase

derradeira e tende a desaparecer; outra, a escola que expressa sua finalidade.

Pode parecer inicialmente um escrito niilista; mas tenho sempre certa perspectiva da pulsão de Tânatos, ou da força explosiva de Exu; aquilo que parece primariamente destrutivo abriga sempre outra intencionalidade, qual seja a de uma nova criação.

E mesmo não tenho, nesta breve exposição do pensamento, qualquer pretensão de esgotamento de possibilidades: é apenas um exercício, uma leitura, um primeiro movimento.

Oxalá possa lograr a generosa companhia de atentos leitores!



Breve análise terminológica a título de predefinição

O antepositivo *escol-*, raiz do vocábulo *escola*, tem, em sua origem grega, uma mostra do conflito que lhe é peculiar: para o grego *skholê,ês* se tem, entre suas definições, a de “descanso, repouso, lazer, tempo livre, ocupação de um homem com ócio, livre do trabalho servil, ou seja, ocupação voluntária de quem, por ser livre, não é obrigado.”, quer dizer, como lugar de estudo acontece por vontade única de quem o procura.

Isso conflita com o conceito corrente de que a escola funcionaria como organismo de controle social e de socialização do aluno, tomando para si a responsabilidade de atuar inclusive como unidade repressora, estabelecendo deveres e impondo limites à criança e ao adolescente.

Já o vocábulo *ensinar* pode ser analisado a partir de seus componentes: em seu prefixo *en-* temos, entre outras composições, a ideia de transformação, de “movimento sobre”, de “cobrir com” e, ainda, a de “aquisição de uma qualidade ou de um estado novo”; em seu radical *sign* temos a ideia de sinal, marca

distintiva, assinatura, selo, o que leva a termos como *insígnia*, que é também um termo militar.

Daí que *ensinar* possa ter a conotação de movimento sobre o outro com intuito de impor sobre esse uma determinada marca.

Por isso talvez a escola e sua função básica de ensinar tenham criado um efeito perverso nas mentes, que é a crença de que tem a prerrogativa de forjar, com sua força repressiva, cidadãos “adequados” às intenções ideológicas do Estado e da sociedade.



Cartilha de escola: das rasuras pedagógicas

Um fantasma tem assombrado as escolas de educação básica no Brasil, ganhando progressiva materialidade, invadindo as salas de aula e a realidade das vidas ali dispostas. Um fantasma que tal Waldemort¹ deve ter seu espectro negado, seu nome esquecido, sua realidade recusada. Esse fantasma é o descompasso entre as teorias pedagógicas e as vivências experimentadas em salas de aula, que corrosivamente, lentamente, vai levando à morte a Educação.

Gestores, pedagogos, professores, coordenadores de todo o tipo e mesmo ainda um ou outro aluno afoito pela garantia da ordem tendem a negá-lo. Mas ele está lá, espalhado pelas salas, zombando da impotência geral, gargalhando frente às ideologias, abocanhando mais e mais o tributo que lhe deve o mundo moderno.

Essa entidade amorfa e confusa tem no caos

¹ Personagem nefasta da série Harry Potter que não tem o nome pronunciado por temor que a menção de mesmo funcione como uma evocação, trazendo-o à materialidade.

sociocultural do presente a essência de sua conformação; e nos tem, a depender de nossa capacidade de dialogar com o novo, um afortunado aliado ou um inimigo potencial.

A cada dia, somos mais e mais expostos às suas evidências: violência crescente em salas de aula, no interior das escolas e em suas adjacências; pais, gestores e coordenadores impotentes e confusos; professores desorientados, agredidos, assustados; alunos percorrendo círculos, sem maiores interesses, perdidos também na violência de um espaço social vazio, desnecessário, inútil. A escola, que deveria instituir o rito de passagem entre a família e o mundo, pouco ou nada representa.

E isso em nada difere do que acontece na educação superior: faculdades pontualmente despreparadas e a cada dia mais comerciais dão o tom comum ao embuste quase geral; os acadêmicos, por seu turno, terminam seus cursos sem a menor noção do que fazer do canudo recebido e da inutilidade prática dos muitos semestres estudados. Contudo, muitos dos recursos materiais e humanos que poderiam ser úteis ao espaço vivido da sociedade são alocados, no mais das vezes sem qualquer critério, para essa formação.

A escola está em crise. E tanto mais grave essa crise se apresenta quanto menos percebemos dela, ou quanto menos procuramos perceber. Vivemos essa comédia de erros, essa dissimulação mal-ajambrada, esse fingimento. Parece grave, mas é pior.

Se não, procuremos responder: para onde segue a escola? Quais os seus caminhos, o seu destino? Até que ponto ela nos constrange, a nós educadores², a esse passatempo pouco divertido?

A cada vez que direcionamos nosso olhar para a escola, para esse espaço de total desequilíbrio, nos assustamos: pode ela sobreviver a esses incríveis novos tempos?

Este *Ensaio sobre o fim da escola* trata disso: da dissolução do sólido aparente; da verdade *fake* em vias de ser desmascarada; da morte de uma posição pedagógica que não resiste aos paradigmas tecnológicos e sociais do século XXI.

E, no entanto, tais paradigmas não são novos; daí uma confissão: a do pasmo profundo diante de algo que se revela tão claramente e que, contudo, permanece silenciado, mudo, como uma sombra

² Assumindo, angustiado, que hoje somos poucos.

coletiva.

Cartilha de escola: das rasuras pedagógicas. Cartilha pela conotação restritiva, impondo padrões do bem-fazer e do bem-comportar na extensão da escola; o lugar de acomodação em que crianças são domesticadas e aprendem a receber sem questionar; onde a importância da caderneta, do histórico, da nota, do boletim é de tal modo intensa que a ninguém obriga sequer um passo a mais.

Faz-se o jogo do contente pedagógico: professores se contentam quando alunos respondem no limite da nota necessária às avaliações conteudísticas; alunos se contentam quando professores aprovam no limite da nota necessária às suas avaliações conteudísticas; pais se contentam com o resultado em forma de boletim; o Estado se contenta com o resultado em forma de números; o mundo se contenta com as estatísticas positivas acerca da universalização do ensino. Quem dá mais?! Quem dá mais...?!

E, no entanto, navegar, como diria o poeta, é preciso. Viver, não! Viver nunca é preciso.

E é a imprecisão que nos comove; de um mundo em chamas que cobra seu tributo mais cruel em forma de fome e desemprego; que promove talvez a maior

devastação estrutural da história da humanidade: a cada dia um novo arranjo tecnológico e social põe abaixo as certezas – além dos postos de trabalho.

Por isso, a emergência dessa escritura, que recusa as rasuras de uma escola sem sentido.

Das rasuras, se diz que servem, em um texto, para anular palavras ali contidas.

Das rasuras da escola, contudo, ecoam vozes anuladas: há gente, a maioria de passos miúdos e de graúdos sonhos, procurando perspectivas, desejando um mundo acolhedor no qual construir seu destino. É necessário, pois, que resgatemos a esperança.

